

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA, UMA TESSITURA EM PROCESSO

Maria Lúcia de Souza Barros Pupo¹

Resumo

O artigo analisa o conceito de mediação cultural e artística e suas flutuações. Tendo em vista refletir sobre o alcance dessa noção hoje, examina os princípios da atuação da Maison du Geste et de l'Image, instituição mantida pela Prefeitura de Paris, responsável por projetos interdisciplinares coordenados por parcerias entre docentes e artistas, destacando alguns exemplos. À luz dessas práticas, a noção de mediação é retomada e discutida.

Palavras-chave: mediação, ação cultural, ação artística, interdisciplinaridade.

Abstract

This article examines the concept of artistic and cultural mediation and its fluctuations. In order to reflect on the scope of this notion today, examines the principles of operation of the Maison du Geste et de l'Image, an institution maintained by the City of Paris, responsible for projects coordinated by interdisciplinary partnerships between teachers and artists, highlighting some examples. In light of these practices, the notion of mediation is taken up and re-discussed.

Keywords: mediation, cultural action, action art, interdisciplinarity.

Pensar hoje o tema da ação cultural no campo das artes cênicas implica necessariamente refletir sobre os desafios decorrentes da relação entre essas artes e a sociedade. No caso do Brasil, uma série de iniciativas assumidas pelo poder público e também pela esfera privada vem atuando especialmente na última década em prol da instauração e ampliação de elos entre a população e a criação artística.

Os projetos nesse sentido são múltiplos e, evidentemente, de alcance e densidade os mais variados. Desde casas de cultura até prisões, muitas são as entidades e instituições que vêm abraçando iniciativas de ação no campo do teatro, da dança, do circo e, mais recentemente envolvendo também a performance.

Projetos de ação cultural e artística nesses campos apresentam de maneira recorrente a *mediação* como termo-chave. A noção diz respeito a um profissional ou instância empenhados em promover a aproximação entre as obras e os interesses do público, levando em conta o contexto e as circunstâncias.

Essa caracterização, sem dúvida bastante ampla, cobre uma vasta experiência empírica. Por vezes a mediação diz respeito à facilitação do acesso às obras em termos materiais e se vincula à publicidade, a modalidades flexíveis para a aquisição de ingressos, ou à fidelização do público. Ou seja, estamos no âmbito de estratégias de marketing, muitas vezes sofisticadas. No outro extremo do largo espectro das acepções, mediar a relação entre o público e a obra implica a realização de esforços visando à aprendizagem da apreciação artística por espectadores pouco experimentados.

Nem sempre o profissional ou a instância a quem incumbe a tarefa de aproximar a obra e o público é designado como *mediador*. Tal é o caso de profissionais como críticos, jornalistas, historiadores, ou mesmo da própria instituição familiar. Nesse sentido, cabe lembrar que publicações e encontros também podem ser considerados mediadores daquela relação.

Programas escolares de diferentes países mencionam a atuação de professores - nomeados com frequência *artistas-pedagogos* - como sendo, em última análise o desempenho de um verdadeiro mediador teatral. Vinculada às graves interrogações que vêm atravessando as notórias crises dos sistemas educativos em países com graus de desenvolvimento os mais variados, essa aproximação entre educação e mediação é sem dúvida significativa. Essa é, inclusive, uma vertente que caracteriza a formação docente na esfera artística em nosso país. Espera-se do profissional especializado na arte teatral que faça pontes entre a escola e as artes da cena; uma dupla competência, artística e pedagógica, reunida em um único profissional deve ser dinamizada tendo em vista a formação de indivíduos familiarizados ou até mesmo envolvidos com a esfera artística.

Embora a noção de *mediação cultural ou artística* certamente apresente superposições com a preocupação educacional, o termo emerge dentro de uma outra filiação. Ele designa o *modus operandi* do ideário da chamada *democratização cultural*, ou seja, da ambição de "alargar o campo dos receptores de cultura", nas palavras de Teixeira Coelho². Aliados à *ação cultural ou artística*, tais termos compõem um conjunto de noções que, ao longo das últimas décadas vêm passando por fusões e desdobramentos, a ponto de, em muitas circunstâncias, carecerem de precisão.

1 Professora titular do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atua particularmente na formação de professores de teatro e orienta pesquisas de mestrado e doutorado no campo da pedagogia teatral. Em 2010 ministrou cursos como professora convidada no Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Paris III. Publicou pela Editora Perspectiva *No reino da desigualdade e Entre o Mediterrâneo e o Atlântico, uma aventura teatral*.

2 COELHO, Teixeira. *Dicionário de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1997, p. 145. Para ampliar as referências sobre a democratização cultural, bem estudada no âmbito do teatro na França, cf. a obra *La décentralisation théâtrale* em quatro volumes, coordenada por Robert Abirached e publicada em Paris pela Actes Sud/ANRAT, 2005.

Outra não poderia ser a sua trajetória, se levarmos em conta a amplitude das mutações sofridas pela própria arte e pelas incertezas que recobrem hoje essa dimensão do fazer humano.

Se a mediação artística é instância que visa a minimizar o divórcio entre o público e a obra, cabe observar, como bem faz Etienne Leclercq,³ que esse divórcio em última análise implica a aceitação de que se trata efetivamente de dois domínios independentes. Tal postulado, no entanto mereceria ser repensado se estivermos atentos à própria natureza das artes da cena. Se elas não existem por si só, mas acontecem apenas no encontro entre a cena e o espectador, constituem-se, por definição, artes do inacabado, expostas ao caráter aleatório do aqui-agora. Um determinado circuito de relações com a plateia é inerente portanto à sua própria existência, o que, em última análise acarreta a necessidade de depurar o próprio significado da mediação.

Dado que esse significado merece ser retomado, um caminho valioso é observar situações e contextos em que a noção de mediação se manifesta. Quais são as modalidades que a recobrem atualmente? Quais são as práticas que reivindicam essa terminologia? Nosso pressuposto é o de que o exame das práticas efetivas que hoje se designam a si mesmas como práticas de mediação pode contribuir para esclarecer ambiguidades, avaliar o alcance da noção e, eventualmente, torná-la mais precisa.

Para tanto nos dispomos aqui a analisar o desempenho de uma instituição sediada em Paris desde 1983, a *Maison du Geste et de l'Image - MGI* [*Casa do Gesto e da Imagem*], cientes de que sua longa história e a continuidade de seus princípios de trabalho constituem, sem dúvida, importantes fatores responsáveis pelo grau de excelência atingido atualmente pela instituição.

Nossa intenção não é evidentemente consagrar um modelo a ser transplantado para terras tupiniquins, nem mesmo

sugerir que os caminhos por ela propostos sejam aqui adaptados e posteriormente adotados. Trata-se de situar, no espaço de um artigo, as linhas de força especialmente originais formuladas por aquela entidade, visando a que crianças e jovens tenham ocasião de viver uma experiência artística marcante. Interessa-nos delinear os vetores da atuação da MGI, de modo a examinar de que modo ela vem abrindo perspectivas singulares para dinamizar a noção de mediação artística. Uma vez trazidos à tona, os princípios daquela casa poderão nortear uma desejável reflexão sobre as opções que têm nos guiado nesse campo, em nosso país.

Promover o encontro entre o universo da escola e o dos criadores, apoiada na noção de parceria [*partenariat*] entre professores e artistas constitui, em síntese, o escopo da MGI. Para tanto, ela se constitui enquanto centro de pesquisa e de educação artística. Auto-denominada estrutura de mediação cultural, ela atua como intermediária entre estabelecimentos escolares e culturais, colocando em contato educadores e artistas, coordenando a formulação e realização de projetos comuns. O objetivo que a Maison se atribui é contribuir para a construção de interseções entre esferas habitualmente separadas: escola e arte, professor e artista, pedagogia e criação. Para tanto, seus responsáveis propõem aos estudantes um contato direto com a criação e os criadores, de modo a que se envolvam em um trabalho coletivo e tomem consciência de sua própria sensibilidade artística.

A MGI é mantida pela prefeitura de Paris, mas conta também com suplementação de verbas por parte do Ministério da Cultura e da administração da região onde a cidade está localizada. Parte da remuneração dos artistas que intervêm é proveniente das instituições de ensino. Em média 5000 alunos por ano são incluídos nos projetos desenvolvidos.

Mas a atuação da casa se estende a um público vasto, principalmente se considerarmos os instrumentos pedagógicos oferecidos a todos os interessados:

3 La médiation et les réseaux. In: *La Médiation Théâtrale. Actes du 5ème Congrès International de Sociologie du Théâtre*. Mons, Belgique, mars 1997, Lansman Editeur, 1998, p. 109.

DVDs, brochuras de divulgação, blog permitem partilhar mais amplamente os desafios dos processos experimentados.

A partir de ante-projeto do professor e da proposta de um ou mais artistas, equipes de parceiros são constituídas para formular projeto de atuação em comum, para o qual se propõem a assumir a responsabilidade de uma classe ou de um grupo durante determinado número de horas. Organizam-se sessões de trabalho com os jovens, nas quais se alternam a prática e sua análise. No final do percurso uma realização coletiva, que pode se revestir de diferentes formas - exercícios, demonstração de etapas de trabalho ou modalidades mais acabadas - é levada a público. A equipe de funcionários da MGI portanto, estabelece as parcerias, colabora na elaboração dos projetos comuns destinados a abrir percursos concretos de criação às classes, além de organizar as apresentações de final de ano nas quais aquela trajetória é, de algum modo, restituída em público.

Os projetos aliam uma dimensão artística - trabalho em oficinas - a uma dimensão mais amplamente cultural, traduzida na descoberta de locais, instituições, obras e artistas. Além do ensino médio, a atuação da MGI passou recentemente a cobrir a totalidade das séries equivalentes ao nosso ensino fundamental, incluindo a escolaridade correspondente à nossa educação infantil.

A partir de uma escolha criteriosa das pessoas que intervêm, a MGI tem se lançado em aventuras ousadas, em ressonância com os desafios do pensamento artístico. Um exemplo pode ser esclarecedor: alunos do ensino médio, coordenados por um artista do campo audiovisual realizam um curta-metragem visando a expor seu ponto de vista acerca das relações entre alunos e professores apresentadas no filme *Entre os muros da escola*, estabelecendo assim um diálogo entre duas produções cinematográficas.

Teatro, cinema, audiovisual, fotografia, som, movimento, diferentes formas de escrituras cênicas, particularmente aquelas

em que várias dessas categorias se cruzam constituem os domínios cobertos pela Maison. Estamos além da pluralidade das disciplinas, pois as ações conduzidas são em princípio sempre interdisciplinares, uma vez que emergem da associação entre profissionais de diferentes campos. Quando estudantes do final do ensino fundamental de determinada escola são convidados a trabalhar sobre as passarelas entre o teatro de François Tanguy e a música de Stockhausen, por exemplo, o caminho adotado pela parceria docente/artista não é expor conhecimentos artísticos, mas sim conduzir uma investigação que tenha um sentido nítido para o grupo.

Cabe mencionar aqui um exemplo datado de 2010 que ilustra o teor dos cruzamentos aos quais nos referimos. Um professor de francês, outro de história e geografia, um videasta e um diretor teatral concebem projeto em torno de um aspecto pouco lembrado pela memória coletiva dos franceses: a participação de soldados senegaleses nas duas guerras mundiais, em prol da vitória francesa, então potência colonial. O episódio foi objeto de pesquisa por parte dos alunos mediante consultas em arquivos, apelo a testemunhas e reconstituições a partir de documentários. Os resultados foram estruturados em forma de um espetáculo teatral marcado por cuidado especial no tratamento sonoro e dotado de inserção de imagens em vídeo.

No caso das experimentações teatrais, quando realizadas no espaço da MGI - fartamente equipado - a direção de cena também ganha destaque; iluminação, sonoplastia, cenotécnica, figurinos são vistos como matéria da criação e, como tal se tornam em si mesmos objetos de aprendizagem para os alunos.

A complexidade da oferta cultural disponível na cidade de Paris e arredores é um fator cuidadosamente considerado pela equipe responsável. Ao mesmo tempo em que são submergidos por informações, os professores costumam ter dificuldades para abarcar e selecionar essa oferta, mesmo na esfera do seu bairro. Assim, se a MGI tem

como uma de suas metas promover a abertura dos docentes em relação à cidade, uma série de passos é prevista para que isso aconteça. Uma de suas atribuições é a de acompanhar a oferta cultural presente na cidade, de modo a propor pistas de trabalho aos professores, ou, em outras palavras, suscitar neles o desejo de estabelecer pontes com a programação prevista. Para tanto, a equipe visita instituições, encontra seus responsáveis, identifica o teor das programações, de modo a nutrir o diálogo com os docentes e suas intenções de trabalho.

Em termos teatrais, essa preocupação faz com que a cada mês de junho, antes das férias de verão, a MGI esteja presente nos encontros promovidos pelas casas de espetáculo mais importantes da cidade, tendo em vista apresentar ao público a programação prevista para a nova temporada, que se inicia em setembro e se estende até junho do ano seguinte, paralelamente ao ano escolar. Antecipadamente informada sobre a natureza da programação que estará em cartaz ao longo do ano letivo, a equipe da MGI passa a dispor de pistas a serem sugeridas a docentes e artistas para a realização de seus projetos.

Estabelecer mediação entre a oferta cultural da cidade e a criação de projetos culturais e artísticos que sejam ancorados no programa escolar dos docentes é uma das importantes atribuições da casa. Nesses termos, a dimensão experimental desses projetos costuma ser reiteradamente sublinhada. Diferentemente das situações habituais dentro do sistema escolar, o fato de que todos – docentes, artistas e estudantes – se dispõem a, de certo modo, correr riscos, passa a ser amplamente valorizado. Nas palavras de Evelyne Panato, sua diretora, a MGI é “um local híbrido, um laboratório, um terreno de experimentação das relações entre criação e formação”.⁴

Os artistas envolvidos normalmente estão em atividade, implicados em criações em curso, trabalhando de modo

independente ou vinculados a companhias, coletivos ou sociedades de produção. São selecionados mediante apresentação de seu trabalho profissional e carta de motivação; um dos critérios dessa seleção é a intenção de transmitir sua prática e ter o desejo de examinar como essas situações de transmissão podem influir sobre seu próprio trabalho; outro critério importante é a permeabilidade para o diálogo. Não é portanto a oferta de oficinas que norteia a seleção, embora haja espaço para menção a essas propostas no momento das inscrições. Espera-se que o artista seja capaz de refletir sobre as relações entre transmissão e criação e que faça da experimentação com os alunos um fator de enriquecimento da sua atuação artística.

Propiciar a formação de redes de atuação é meta prioritária que move as ações da casa. Mesmo que continue sendo difícil colocar em relação os estabelecimentos escolares entre si, avanços consideráveis vêm sendo conquistados no que tange à cooperação entre as escolas e as estruturas culturais e artísticas. Muitas são as entidades parceiras da MGI: teatros públicos e privados, centros culturais e de pesquisa, museus, locais expositivos e assim por diante. Alguns exemplos significativos ilustram a envergadura dessas parcerias.

A obra *Personnes* de Christian Boltanski, exposta em 2010 dentro da série *Monumenta* no Grand Palais foi o ponto de partida sensível para a criação de vários projetos. Uma enorme pirâmide de roupas usadas é continuamente transformada por um guindaste que dela retira aleatoriamente algumas peças, ergue-as bem alto e as lança de novo no topo da pirâmide de contornos fluídos. No espaço contíguo está disposta uma série de retângulos formados por roupas usadas estendidas no chão; ao se aproximar de cada um deles, o visitante pode ouvir batimentos cardíacos emitidos por um alto-falante. Uma parede de caixas de biscoitos enferrujadas separa esse conjunto da entrada do Grand Palais. O todo remete a corpos mortos, a ausências,

⁴ Entrevista realizada com Evelyne Panato em junho de 2009.

ao caráter imponderável do destino. Dois dos projetos suscitados por essa exposição merecem ser citados. Ambos tiveram como ponto de partida uma visita ao local ainda durante a montagem de *Personnes*, em dia portanto fechado ao público.

O primeiro deles partiu da filmagem da exposição em funcionamento para a elaboração de um segundo filme, no qual, em reverberação à obra de Boltanski, o fio condutor era formado pela história de objetos caros aos alunos. Cruzadas entre si, essas histórias deram origem a um roteiro e, na sequência, a um novo filme. Assim se refere a esse processo um de seus responsáveis, o videasta Florent Darmon:

A ideia foi criar um despertar sensível ao seu [de Boltanski] universo, através de visita, conferência, encontro, para em seguida tentar integrá-lo em um processo artístico próprio ao filme dos alunos. Assim, decidiu-se inventar, a partir de objetos, a vida imaginária de um personagem que havia perdido a memória. O princípio do filme seria o seguinte: conte-me os objetos, eu te direi quem és.⁵

Outro projeto, realizado com jovens em torno de 14 anos, emergiu da relação entre um professor de francês, um diretor teatral e a referida exposição. As palavras deste último, Julien Gaillard são suficientemente eloquentes:

Interessa-me sobretudo o seguinte: compreender de que maneira aquilo que eu não vivi, de que maneira um fato histórico me constitui, - no presente. No dia 11 de junho de 2010, na SEGPA Jacques Prévert (Seção de Ensino Geral e Profissional Adaptado), no momento da colocação de uma placa em homenagem a três crianças deportadas e assassinadas, tentaremos formular para nós mesmos a questão da memória. E isso em relação com a exposição de Christian Boltanski que visitamos em fevereiro no Grand Palais. A marca, o traço são portanto os pontos de partida do nosso trabalho teatral. Não se tratará de reconstituição.

Não sabemos grande coisa sobre a vida dessas crianças e seria obscuro colocá-las no lugar delas. Aliás, é impossível.[...] Deixar ressoar em nós seus nomes, suas datas de nascimento. Indicar a ausência.⁶

Outra parceria interessante vem sendo estabelecida regularmente com o Festival de Outono, que reúne manifestações importantes das artes cênicas. Durante o ano escolar 2010-2011, uma professora de inglês, outra de música e uma diretora teatral coordenaram juntos sessões de trabalho com alunos ao longo de três dias, de modo a que eles reagissem teatralmente à encenação Peter Brook da ópera "A flauta mágica" de Mozart, à qual tinham assistido por ocasião do Festival de Outono. Assim se expressa Martine Lagarde, a professora de inglês, ao se referir à atuação da diretora teatral:

O trabalho de Agnès também não foi fácil: reter determinadas ideias sugeridas pela turma, rejeitar outras, levar os alunos a trabalharem "no mesmo sentido", a escutarem as propostas de jogo; mesclar o trabalho das diferentes oficinas para fazer uma única obra...⁷

Visitas guiadas ao Museu Cernushi, famoso por seu magnífico acervo de arte asiática, assim como uma novela do escritor chinês Lao She foram o ponto de partida da atuação em uma classe de 27 jovens de 13 anos, subdividida em dois grupos, um voltado para o vídeo e outro para o teatro. O primeiro iniciou-se à linguagem da imagem produzindo um vídeo sobre um museu de animais de pelúcia, referência às estatuetas do museu Cernushi que haviam reavivado seus medos infantis; o outro grupo produziu textos e experimentou a linguagem teatral. Durante a apresentação final dos resultados do projeto na MGI e depois no próprio Museu, cena e vídeo se alternaram com propriedade e encantamento. Vejamos os comentários do diretor teatral, Manuel Webe, relativos a determinada passagem do processo:

6 Idem, p. 112.

7 Brochura da programação da MGI no ano 2010-2011, p. 56.

5 Brochura da programação da MGI no ano 2009-2010, p. 154.

No final desse primeiro dia, depois de cinco horas de trabalho muito concentrado, positivo e frutífero, a atenção do grupo se distende. A última hora decorre com maior dificuldade. Eles estão menos presentes, cansados, os exercícios não convêm [...] O dia termina. À noite retomo minhas anotações e faço uma avaliação, de modo a partir em outra direção no dia seguinte. Terça-feira é outro dia. Mudo de direção, trabalho de maneira mais coletiva, sem perder de vista que meu projeto é levá-los a jogar de modo sensível e teatral os textos que eles tinham redigido na véspera sobre o amigo de infância. Eles têm 13 anos e escreveram a partir de lembranças que datam de muitos anos antes, quando tinham 7 ou 8 anos. Por instantes, eles se percebem ainda muito perto da infância.⁸

Mais um exemplo interessante de parceria provém da relação com o Museu do Louvre, que recentemente teve importante participação em projeto voltado para crianças de 11 anos, coordenado por um professor de francês, outro de artes plásticas e uma diretora teatral. O tema girava em torno de quatro fábulas das *Metamorfoses* de Ovidio. Nesse caso, um trabalho coral a partir da leitura dos textos, o levantamento de informações sobre a herança das *Metamorfoses* através dos séculos, assim como uma abordagem pessoal acerca de metamorfoses projetadas pelos próprios alunos foram completados com uma visita ao Louvre, na qual eles realizaram um percurso singular, constituído de obras vinculadas ao tema.

As modalidades de intervenção da MGI são bastante variadas; esse leque de possibilidades revela a amplitude de seu alcance e sua consciência dos desafios envolvidos nas aprendizagens artísticas. O cardápio é considerável: oficinas de descoberta profissional, trabalho específico em torno das relações entre as intervenções artísticas e as aprendizagens fundamentais, oficinas dirigidas à classe inteira no ensino fundamental e médio, “acompanhamento

educacional” previsto nas atividades culturais de escolas em bairros periféricos com alto grau de violência, entre outros. Durante os períodos de férias escolares são propostas oficinas para alunos voluntários, inscritos individualmente. Aquelas que dizem respeito ao campo das artes cênicas têm duração de cinco dias intensivos e conduzem a uma breve criação coletiva. Em fevereiro de 2011 por exemplo, o processo “Suites em série” com jovens de 14 a 18 anos partiu do início de diferentes criações - romance, peça teatral, canção, poema, roteiro - para que os alunos projetassem continuações possíveis e construíssem coletivamente uma história posteriormente encenada.

A escolha da duração e do espaço de trabalho varia segundo os contextos e as circunstâncias. Estágios intensivos, sessões semanais na própria escola ou nas instalações da MGI, dentro ou fora do programa escolar são algumas das variáveis levadas em consideração. Uma observação importante diz respeito ao relevo que os estudantes atribuem à ida à MGI, instalada em belíssima praça no coração da cidade. Se na ótica dos pais o fato de sair da escola é sempre visto com alguma desconfiança, é inegável que para os alunos que raramente têm acesso aos bairros centrais, o deslocamento é vivido com entusiasmo e carrega consigo uma conotação forte de pertencimento ao tecido social urbano.

Cabe lembrar que a formação continuada de professores e artistas é uma preocupação constante; as instalações da MGI abrigam regularmente encontros, exposições, representações teatrais e projeções cinematográficas, alimentando assim o circuito que ela se dispõe a instaurar.

A residência de artistas - dentro da própria MGI ou no estabelecimento escolar - constitui outra modalidade interessante de trabalho. Em ambos os casos o artista é acolhido durante um período preciso e passa a dispor do equipamento e material necessários para desenvolver um projeto no qual a relação com os estudantes tenha

8 Brochura da programação da MGI no ano 2009/2010, p. 147.

papel central. Ao organizar operações dessa natureza, a casa se propõe a analisar as condições das trocas entre artistas e estabelecimentos escolares, o impacto que elas podem provocar e, mais precisamente, o modo pelo qual o artista comunica os desafios de sua pesquisa aos jovens. Interessa especialmente à MGI analisar os pontos de interseção entre o artista e o público, assim como observar as repercussões do trabalho do artista profissional sobre a atuação pedagógica. Inversamente, a casa espera que os processos vividos pelos artistas também se beneficiem com esses encontros.

Dois projetos tidos como federadores e mais diretamente ancorados na problemática urbana merecem ser mencionados. *Territoires en direct*, ativo desde 2006 tem em vista permitir a descoberta recíproca de estabelecimentos escolares e culturais de um mesmo território, na expectativa de contribuir para a demolição das fronteiras que segregam a periferia em relação à Paris *intramuros*. O outro projeto, *Marion'Halles*, se estenderá ao longo de três anos e deverá abrigar três companhias de marionetistas em residência, de maneira a interrogar, junto com os estudantes - e incluindo também encontros com urbanistas e associações de bairro - o lugar e a função da marionete no espaço urbano.

Um dos riscos desta breve descrição, no entanto seria deixar o leitor acreditar que estamos diante de dinâmicas de trabalho perfeitamente articuladas, de funcionamento regular e impecável. Se, por definição, em processos artísticos e educacionais estaremos sempre no terreno das incertezas e da alternância entre avanços e recuos, aqui não poderia ser diferente. A sedimentação de uma rica experiência original por parte da MGI não a impede de constantemente fazer face a inúmeras dificuldades.

Reduções orçamentárias que colocam em risco a continuidade de ações por um lado e a incompreensão dos propósitos da Maison por parte de muitos dos responsáveis - principalmente da esfera

educacional - por outro, atravessam continuamente o cotidiano da instituição. Visões congeladas de arte, concepções de dom e talento permanecem solidamente incrustadas e não raro conduzem a atitudes em franca contradição com os princípios aqui mencionados. No domínio teatral, embora a noção de escritura cênica venha gradativamente ganhando terreno, é inegável que a tradição literária francesa continua bastante presente, trazendo consigo a ameaça da reiteração do primado do texto em detrimento de outros sistemas de signos e, em particular, em detrimento da dimensão lúdica dessa arte.

Projetos de trabalho cuidadosamente fundamentados por vezes são inviabilizados ou fragilizados por fatores imprevisíveis, frustrando expectativas solidamente construídas. Esse foi o caso, por exemplo, da operação centrada na residência de um fotógrafo dentro de um estabelecimento escolar. Dado que a escola estava instalada em um prédio antigo que naquele momento passava por ampla reforma, o projeto de trabalho do artista visava a fotografar a gestualidade dos trabalhadores responsáveis pela obra, documentando simultaneamente a memória do prédio e suas sucessivas transformações. Um fator surpreendente, contudo, impediu a continuidade daquela ação: como os trabalhadores contratados estavam em situação irregular - do ponto de vista da imigração ou do contrato trabalhista - se negaram a participar das sessões de fotos, invalidando todo o projeto. A cooperação entre diferentes esferas, ponto forte da atuação da MGI, não pode ser pensada separadamente da vulnerabilidade que lhe é intrínseca.

Apesar de fartamente documentada, a atuação da Maison ainda carece de uma análise de maior fôlego, que dê conta das transformações ocorridas em sua trajetória, das contribuições efetivas que ela vem oferecendo a uma pedagogia das aprendizagens artísticas e que possa discutir detalhadamente a riqueza dos processos que ela vem formulando nessas últimas décadas. Embora estagiários de cursos universitários já tenham observado

algumas das ações conduzidas, parecidos que o campo das relações entre arte e educação teria muito a ganhar se uma colaboração efetiva se estabelecesse entre a MGI e a universidade, de modo a fazer avançar uma reflexão sistematizada sobre tão fértil experiência.

Atuar de modo associado não é um desafio corriqueiro, nem para artistas, nem para docentes. Para que uma verdadeira atuação em parceria aconteça é indispensável que cada um seja capaz de apreender plenamente o ponto de vista do outro; é só quando as competências e olhares se cruzam que a aliança se torna efetiva. Ela implica, entre outras disponibilidades, a de ser capaz de se despir de certezas já conquistadas e se dispor a uma aventura inédita.

Superando o jargão pedagógico corrente, a equipe da MGI aposta na construção da experiência estética, coração de seu projeto; dentro dela estão contidos e integrados a apreciação e a experimentação artísticas. Assim, ao longo das últimas três décadas o desempenho da MGI vem certamente contribuindo para que o escopo da mediação seja dinamizado.

O conceito de mediação sem dúvida sofre assim um nítido deslocamento. Se na origem, como vimos, o conceito diz respeito à apropriação das obras pelo público, nesse momento ele passa a ocupar um espaço outro, e a se configurar em um âmbito que vai além da leitura da obra. Integram-se agora dentro do termo as formulações e experimentações das crianças e jovens e a reflexão sobre a arte e sua inserção cultural.

Os processos de trabalho coordenados pela MGI promovem mediação entre instâncias normalmente dicotomizadas, tecendo assim as tramas da superação de pontos de vista normalmente tidos como divorciados. Arte e pedagogia deixam de ser campos antagônicos e passam a engendrar um novo espaço de atuação, protagonizado por seus respectivos profissionais. Dito em outras palavras, estamos diante de uma acepção singular do termo: a mediação passa agora a constituir, em si mesma, uma modalidade de criação.

Referências bibliográficas

- LA MÉDIATION THÉÂTRALE. Actes du 5ème Congrès International de Sociologie du Théâtre, Mons, Belgique, mars 1997. Carnières-Morlanwelz (Belgique): Lansman, 1998.
- TEIXEIRA, José Coelho. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- _____. *A cultura e seu contrário*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- WALLON, Emmanuel. La démocratisation culturelle, un horizon d'action. *Cahier Français* n° 348, Paris : La Documentation Française, janvier-février 2009. Disponível em : <www.mgi-paris.org>